

Resenha

Vida loka é quem estuda: os valores de insubordinação e a prática educativa

Ariane Vieira de Souza¹



Resenha: NEVES, Jorge. Valores Sociais, educação e resistência: fundamentos ontológicos e contradições históricas. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz.

Ferreira Gullar

O livro *Valores sociais, educação e resistência*, de Jorge Neves, suscita muitas reflexões, afetos e questionamentos, vistas as extensões e reverberações dos temas propostos, assim como por sua relevância social. Ler a obra de Jorge, resultado do mestrado em Educação do autor, foi reviver o meu próprio processo enquanto estudante, artista, militante, psicóloga e educadora em formação. Discutir sobre os valores sociais e a formação moral é uma discussão espinhosa, atravessada por uma série de interesses (muitas vezes antagônicos), e por uma complexidade, que necessita de um olhar crítico e cuidadoso. Felizmente, digo por alívio e também por felicidade, o livro consegue suprir esses elementos de maneira vigorosa, posicionada e até mesmo poética.

Jorge Neves é pedagogo, atua na educação não formal e é professor em cursinho popular. Além da sensibilidade para a arte, a qual notavelmente o perpassa e que convém ser colocada como um atributo dos seus fazeres no

¹ Graduada em Psicologia e mestranda no Programa de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Unesp/Bauru

mundo. A obra propõe-se construir uma discussão acerca dos valores sociais na educação, considerando a formação moral nesse processo, como os valores se constituem e com quais interesses. Com base no referencial do materialismo histórico dialético, da pedagogia histórico-crítica e especialmente do referencial ontológico de Lukács, o autor elabora discussões consistentes, historicizadas e críticas acerca dos valores sociais presentes na sociedade atual e a necessidade de superá-los, abarcando a totalidade de elementos que os engendram socialmente. Jorge é ao longo do livro propositivo e convocativo na necessidade da construção de análises e práticas que assumam a importância dos valores da classe trabalhadora, de modo que possam ser perpassados, elaborados e sistematizados por um viés intransigente, insubordinado, crítico e coletivo solidário em posição de enfrentamento ao capitalismo, racismo, sexismo, dentre outras opressões estruturais que constituem a sociedade atual.

Em toda discussão construída por Jorge, é assumido e reivindicado uma posição junto à classe trabalhadora em contraposição à classe dominante. Este aspecto vale ser ressaltado visto que em tempos de autoritarismo nazifascista, de ameaça às instituições democráticas, de intensificação de ataques a grupos marginalizados historicamente, de acirramento das violências do Estado e ameaças às liberdades civis, políticas, científicas e artísticas – os quais são expressões da extrema violência e vulgarização do capitalismo, principalmente em decorrência do seu processo de crise atual – faz-se necessário posicionar-se politicamente, o que o autor corajosamente o faz e também convoca que as/os leitoras/os o façam.

O debate acerca da moral e dos valores é uma pauta histórica em disputa, por movimentos conservadores que representam a classe dominante, e também por movimentos progressistas, posicionados em perspectivas revolucionárias, quanto aos alinhados à manutenção da ordem democrática burguesa e do Estado do Bem Estar Social. A compreensão do autor acerca dos valores pauta-se no entendimento de que qualquer objeto, processo ou fenômeno pode ser valorizado ou desvalorizado socialmente. E entende ainda que os valores são baseados em conhecimentos acerca do mundo e encaminhados como alternativas frente à realidade em direção de determinadas opções valorativas. Nesse sentido, fica evidente que tudo é valorado nas práticas sociais, quer tenhamos consciência disso ou não, e este último ponto nos chama a atenção de como os nossos conhecimentos acerca da realidade são fundamentais e determinantes nos processos de valorar as práticas e relações sociais. A moral da sociedade atual tem como base os valores da classe dominante, da burguesia, os quais são assentados em valores privativos, conservadores e não solidários que correspondem com a maneira pela qual objetivamente o capitalismo se organiza e sustenta. Sendo assim, pode-se afirmar que tais valores garantem e

conservam o aspecto disciplinador e ideológico da ordem capitalista.

A atualidade do tema e a necessidade de a classe trabalhadora desbravá-lo, enquanto pauta de suma relevância em práticas e enfrentamentos, são reivindicações de Jorge Neves ao longo do livro. E questiona: a classe trabalhadora, de um país situado na periferia do capital, atravessado e constituído por relações colonialistas, patriarcais e racistas tem a ver com a discussão sobre os valores sociais? O livro traz essa discussão a partir de algumas constatações históricas. A formação da sociedade brasileira tem se constituído ao longo de uma história perpassada por uma série de condições objetivas expressas por uma escancarada precarização da vida em todas suas dimensões. Essas são decorrentes da posição do Brasil no capitalismo global, de um Estado e de uma burguesia forjados historicamente a partir da exploração e precarização das condições de (sobre)vivência da classe trabalhadora, pobre, preta, indígena, LGBTQ+, etc.

Para o autor, a educação neste quadro social, é evidente que o seu caráter reside fundamentalmente em conservar a ordem sociometabólica do capital – como expressa Mézáros – e não somente conservar, mas garantir sua manutenção e continuidade, por meio de uma prática educativa intencionalmente ideológica, que socializa os valores da burguesia enquanto classe dominante, de modo a acentuar ainda mais processos de alienação e exploração. Ao conduzir a análise com estas explicitações, o autor propõe a construção de uma discussão sobre os valores a partir de um posicionamento político e pedagógico concreto, amparado nas perspectivas críticas, que estejam posicionadas junto e enquanto classe trabalhadora. São propositivas na construção de valores morais assentados em uma moral de insubordinação enquanto classe, e que estejam comprometidas com a transformação da sociedade. Essas considerações acerca dos valores e educação podem ser ilustradas a partir de um exemplo bastante esclarecedor, que o autor utiliza para evidenciar a relação dos valores na prática educativa: “[...] Mesmo os conhecimentos sobre a natureza vão demandar determinados valores sociais, por exemplo, nossa relação com a natureza pode ser entendida simplesmente como a história da superioridade “do homem” sobre a natureza, até a crítica moralista ao uso individual da água ou um entendimento mais radical sobre as consequências da produção em escala industrial sem qualquer tipo de regulação. Em se tratando de atividades educativas, os conhecimentos sobre as chamadas ciências naturais também demandam valores sobre esta sociedade. É muito comum, por exemplo, que o tratamento pedagógico sobre alimentação saudável, que em si é cientificamente fundamental, fomenta valores pejorativos por pessoas com corpos fora dos padrões estéticos. Estas direções valorativas correspondem sempre, na prática, à legitimação de determinados interesses em disputa. Isso significa que podemos através da atividade educativa – que

envolverá questões de didática, forma, conteúdo e valores –, por exemplo, legitimar a forma latifúndio ou denunciar o genocídio das populações indígenas sua cultura, defender a produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar ou tratar abstratamente de alimentação saudável, reforçando estereótipos que legitimam a padronização ideal dos corpos (NEVES, 2020, p. 190).

O exemplo é coerente com questões objetivas e latentes da prática educativa, visto que evidencia o entrelaçamento dos valores na educação: na relação das escolhas dos conteúdos, a maneira pela qual serão socializados, por meio de quais mediações e instrumentalizações, entre outros. O autor também convoca críticas pertinentes em relação às grandes perspectivas pedagógicas e suas articulações com a discussão dos valores sociais, tanto de concepções que venham a construir um projeto idealista de educação moral, descolando-a da materialidade dos contextos social e educacional, quanto às que desconsideram a importância da formação moral na tessitura do processo de constituição dos sujeitos, e da educação enquanto prática fundamental nesse processo. Como elaborado pelo próprio autor, a construção e defesa do conhecimento científico mostra-se abstrata caso não se articule com um projeto político, ideológico, moral, a partir de valores de insubordinação ao capital.

Prosseguindo na análise, o autor também ressalta e evidencia a importância da vinculação da educação com os movimentos sociais e culturais de insubordinação às expressões e formas do capitalismo, destacando principalmente a produção cultural dos/das trabalhadores/as brasileiros em relação à cultura popular e sua diversidade de expressões. Jorge, ao longo da discussão, destaca a cultura popular crítica e conscientizada dos seus interesses, enquanto classe, como uma importante fonte de conhecimento elaborado e sistematizado, que possui reverberações sociais e históricas com os interesses, posições e afetos da classe trabalhadora, ou seja, de seus valores. Além disso, a cultura popular é, em potencial, propositiva na superação de uma arte e conhecimento meramente contemplativos e abstratos. Constitui-se em um elemento, que produz condições e mediações efetivas de uma catarse crítica e propositiva de resistência, e enfrentamento ao sistema capitalista, como “ferramenta possível de enfrentamento ao status quo”, nas palavras do autor.

Um destaque elaborado por Jorge refere-se especialmente à possibilidade educativa do hip hop brasileiro enquanto ferramenta de resistência e enfrentamento. “O uso pedagógico das letras, da poesia, da mensagem, do ritmo, da expressão visual, da dança e de tantos outros aspectos próprios desse universo é de enorme potencialidade para descolonizar a teoria pedagógica e assumir uma vinculação orgânica com os movimentos de insubordinação, historicamente tão caros à perspectiva revolucionária” (NEVES, 2020, p. 256). Principalmente considerando que a história do hip hop brasileiro foi construí-

da nas periferias, pela população negra, enquanto expressão artística, política e educativa da realidade social. Torna-se nesse sentido, uma ferramenta potente e crítica da classe trabalhadora enquanto mediação para a apropriação de uma postura crítica, combativa e de resistência. Cabe ressaltar, como destacado pelo autor, é importante compreender que estes elementos não estão dados, e que mesmo que a cultura popular constitua-se como uma ferramenta possível de transgressão, também é perpassada por uma série de contradições e interesses, como a indústria cultural, por exemplo. No entanto, ainda é um espaço fértil e cabível de disputa, de tensionamento e superação da sociabilidade capitalista.

Os capítulos do livro são sistematizados a partir uma discussão inicial acerca dos valores, suas compreensões sociais, principalmente considerados a organização capitalista, o que já revela alguns elementos estruturais importantes para a discussão posterior. No segundo capítulo o autor desenvolve uma análise da gênese dos valores e sua relação com o trabalho, fundamentada na análise ontológica de Lukács e de outros teóricos do materialismo histórico dialético, desbravando com profundidade o processo histórico e social dos valores no capitalismo. O terceiro capítulo é marcado pela discussão dos valores sociais na educação, valendo-se da análise crítica de duas perspectivas pedagógicas: o escolanovismo e as pedagogias críticas, e a maneira pela qual compreendem os valores e a formação moral na prática educativa. No capítulo quatro, o autor começa a apresentação de uma perspectiva ontológica da educação e da ideologia, considerando que ambos possuem relação com a formação moral, além de, juntamente a esses aspectos, elaborar a proposição de um conhecimento e valores na formação de uma moral de insubordinação. No último capítulo, o autor articula discussões acerca da legitimidade da cultura popular e da potencialidade do hip hop brasileiro na prática educativa. Nesse, faz uso de letras de cantores/as do hip hop brasileiro para demonstrar a expressão crítica e potencialmente combativa das expressões culturais populares.

Em síntese, a construção do livro demonstra a necessidade de elaborações teórico-políticas que compreendam os elementos constituintes da sociedade atual. Tais elaborações, embasadas em perspectivas críticas, demonstraram-se potentes no desvelamento da formação moral e de valores da sociedade. Além de a análise ser constituída por uma competente sistematização histórica e social, a obra também é intencionalmente propositiva na necessidade da construção de conhecimentos e valores que fundamentem uma formação moral de insubordinação. Considera, principalmente, as potencialidades da cultura popular, como expressões da classe trabalhadora, e que podem ser combativas em relação à moral e à ideologia burguesas, que inviabilizam a construção de uma educação emancipadora.

